

AMAZÔNIA CONTINENTAL: geopolíticas e formação das fronteiras

Msc. Avacir Gomes dos Santos

Doutoranda em Geografia

Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, IESA/UFG - Campus Samambaia - CEP: 74001-970 - Goiânia - Goiás

Fone/Fax (62) 3521 - 1077 (62) 3521 - 1184 , - avagsantos@yahoo.com.br

RESENHA DE: NOGUEIRA, Ricardo José Batista. **Amazônia Continental:** geopolíticas e formação das fronteiras. Manaus: Secretaria de Estado da Cultura, (endereço: Av. 07 de setembro, 1546, Anexo ao Centro Cultural Palácio Rio Negro, Manaus, Amazonas), 2007, 94 pg.

“Decifra-me ou devoro-te”. A esfinge continua a clamar aos pesquisadores que se aventuram nos labirintos da hiléia amazônica. A produção acadêmica de Nogueira se encontra entre aquelas que além de decifram o enigma, orientam os futuros aventureiros sobre as armadilhas do mundo da floresta.

Dentre as várias armadilhas a primeira a ser pensada são as categorias de análises apresentadas no título da obra: geopolítica e fronteira. No horizonte da pós-modernidade essas categorias ganham novas interpretações, polêmicas e discussões com o decretado “fim” dos territórios.

Como pensar as relações de poder, sociais, políticas, econômicas, históricas e culturais se todos os conflitos e contradições são apagados em nome da universalização e naturalização do capital? Com as releituras conceituais de geopolítica e fronteira é exatamente o que Nogueira se propõe pensar, as relações de poder e suas interfaces no contexto amazônico.

O autor apreende a complexidade da região amazônica por meio dos exercícios da dedução, indução e abdução. Nessa construção discursiva às vezes Nogueira parte do local para o global, ou vice-versa; em outros momentos sua intuição é o que prevalece, ao ver a Amazônia com olhar daqueles que vivenciam suas espacialidades.

Um elemento significativo da leitura de “Amazônia Continental” é o *locus* discursivo. Muito do produzido sobre a Amazônia é proclamado por aqueles que não a conhecem. O olhar tem sido em geral, o olhar daquele que vem de fora (o colonizador, o catequizador, o expedicionário, o naturalista, o aventureiro, o viajante e o pesquisador). A obra do professor Nogueira é produzida a partir da visão daqueles que vivem a e na cotidianidade as concretudes e possibilidades do espaço amazônico.

A realidade amazônica na concepção do autor resulta da construção social. Para compreender essa realidade Nogueira elabora uma narrativa história para além da linearidade factual e da descrição das paisagens. Ele consegue captar a totalidade dos fenômenos na relação intrínseca entre o mundo concebido, percebido e vivências espaciais amazônicas.

O ponto de partida é decifração do que aqui é posto como enigma: a Amazônia. Quais os elementos que marcam sua essência? É a Amazônia: região, fronteira, departamento, limite, território? Onde começa e até onde é extensível seus limites territoriais? Quais estratégias e acordos foram firmados entre os países vizinhos para definição de seus limites e fronteiras? O que a específica é a hidrografia, a fauna, os recursos naturais ou as populações tradicionais? O que é Amazônia Legal, Ocidental, Oriental e Continental?

Frente às essas novas reconfigurações espaciais promovidas pelo produção em grande escala Nogueira pergunta: uma área da Amazônia selvática que perdeu sua cobertura vegetal para dar lugar a pecuária ou a agricultura continua sendo Amazônia? (2007, p. 17). Estas e outras problemáticas são contempladas no decorrer da obra de forma simultânea e interligada com a análise geográfica e social.

No primeiro capítulo: Geopolítica da Amazônia Continental, o diferenciador da obra é a relativização da importância do Brasil com respeito às políticas da região. No senso comum, influenciado pela mídia (principalmente televisiva), paira a idéia da grandiosidade da região amazônica. Assim, é direito do Estado nacional decidir de forma autônoma o seu destino. Ora, se na Amazônia se concentra a maior parte dos recursos hídricos (Estado do Amazonas), não cabe apenas ao Brasil decidir sobre a exploração das

águas, pois, “as nascentes não apenas do rio Amazonas como de outros rios que são importantes tributários não estão em seu território” (Nogueira; 2007, p. 25).

Além dos recursos hídricos a Amazônia Continental é depositária da maior floresta equatorial úmida. De acordo com Nogueira, a forte relação existente entre a vegetação – fenômeno natural [...] e o clima – fenômeno natural de dimensão global – põe em xeque a questão amazônica (2007, p. 27). De acordo com o autor, as alterações provadas na reconfiguração da vegetação “nativa” irão provocar modificações climáticas em todo o planeta. O combate ao desmatamento, às queimadas e a emissão de gases poluentes são problemáticas iminentemente políticas. Resultante dessa preocupação global foi a assinatura do “Protocolo de Kioto”.

Condições climáticas, recursos hídricos, recursos naturais, combate ao tráfico (de drogas e de pessoas) cabe ao Brasil a supremacia da definição destas questões? Ou somente os países amazônicos devem decidir? Ou decidem as grandes potências, tendo em vista que são as primeiras responsáveis pela emissão de poluentes e as primeiras beneficiárias da exploração dos recursos naturais da Amazônia? Ou o mundo inteiro deve legislar como desejam os defensores da internacionalização do espaço amazônico?

Brasil, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Peru possuem, de acordo com a tese apresentada por Nogueira, “peculiaridades que os tornam importantes diante de determinadas conjunturas internacionais” (2007, p. 43-4). Assim, os programas e projetos direcionados à região, implicam em decisões geopolíticas que devem ser pensadas na esfera regional, nacional, internacional e global.

No segundo capítulo: A formação das fronteiras na Amazônia Continental, a abordagem teórica sobre o conceito de *fronteira* é apresentada como elemento que direcionou historicamente as configurações e reconfigurações espaciais da região amazônica.

“Se os geógrafos sempre tiveram dificuldade em articular o espaço e a política de maneira objetiva” (p. 55) esta lógica é quebrada por Nogueira, que pela análise histórica laboriosa articula as concepções teóricas com os elementos da política, econômica e relações externas, movimentos populares e revolucionários, nos faz compreender que a definição das fronteiras mais que resultantes de acordos de gabinetes, elas resultam dos conflitos dos grupos sociais em determinado contexto.

Nas considerações finais, Nogueira retoma temáticas de Geopolítica, Geoeconomia, biotecnologia, crise ecológica, diversidade étnica amazônica, diversidade biológica, exploração dos recursos naturais, unidades de conservação e contextualiza estas questões no cenário e configuração espacial da Amazônia na atualidade.

A leitura desta obra responde as expectativas de leitores preocupados com a própria formação acadêmica e, que buscam compreender as idéias subjacentes às concepções e percepções das configurações espaciais modeladoras do espaço amazônico. Sem o conhecimento das complexidades e especificidades do espaço é impossível pensá-lo de forma totalizante: pessoas, sociedade e natureza. A obra “Amazônia Continental” contribui de forma significativa para esse entendimento. Aventurem-se na leitura, o enigma da esfinge foi posto. Cabe ao leitor apreendê-lo.

Trabalho enviado em abril de 2008

Trabalho aceito em abril de 2009